

A TEORIA DO PROCESSO DE TRABALHO NA CONTEMPORANEIDADE: revisão da literatura e caminhos de pesquisa

*Christian Kazuo Fuzyama**
(UFRRJ, Brasil)

*Fernando do Amaral Pereira***
(Ministério Público do Trabalho, Brasil)

*Ana Heloísa da Costa Lemos****
(PUC-Rio, Brasil)

 <https://doi.org/10.29404/rtps-v9i14.926>

Resumo: a *Labor Process Theory* (LPT) tem como foco o exame crítico das dinâmicas de controle, consentimento e resistência nos regimes de trabalho sob o capitalismo. Ao longo dos anos, vários de seus desdobramentos conceituais incorporaram tradições teóricas variadas cuja diversidade motivou a pesquisa que deu origem a este artigo. O objetivo deste trabalho é analisar a produção internacional sobre a LPT nos últimos treze anos, de modo a identificar seus principais temas e agendas de pesquisa. Para tanto, realizou-se revisão da literatura nas bases de dados *Web of Science* e *Scopus*. Observaram-se variados caminhos de pesquisa sobre LPT que incluem temas como: a) ampliação da desqualificação e alienação de trabalhadores de diversos setores; b) interseccionalidades de gênero e raça; c) controle e produção do consentimento; e d) trabalho emocional. Entre os novos temas de pesquisa, destacaram-se o crescente debate acerca do trabalho por aplicativos e discussões de novas formas de exploração do trabalhador e dinâmicas de controle do trabalho.

Palavras-chave: Processo de Trabalho. Sociologia do Trabalho. Braverman – Teoria. Estudos Críticos em Gestão.

* Mestre em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde conclui o Doutorado em Administração de Empresas. Atua como Professor Substituto no Departamento de Ciências Administrativas e Contábeis do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4688-6954>. E-mail: christiankazuo@gmail.com

** Mestre em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde conclui o Doutorado em Administração de Empresas. Atua como Servidor do Ministério Público do Trabalho. Integra o Grupo de Relações de Trabalho e Carreira da PUC-Rio. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-4543-8260>. E-mail: fernando.pereira@phd.iag.puc-rio.br

*** Doutora em Sociologia pelo Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ). Atua como docente do Departamento de Administração da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), onde integra o quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Administração de Empresas. É líder do Grupo de Pesquisa Trabalho e Carreira na Contemporaneidade. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6222-6628>. E-mail: aheloisa@iag.puc-rio.br

THE LABOR PROCESS THEORY IN CONTEMPORANEITY: literature review and research paths

Abstract: the Labor Process Theory (LPT) focuses on critically examining the dynamics of control, consent, and resistance in work regimes under capitalism. Over the years, several of its conceptual developments have incorporated varied theoretical traditions whose diversity motivated the research that gave rise to this paper. The objective of this scientific article is to analyze international production on LPT over the last thirteen years, in order to identify its main themes and research agendas. To this end, a literature review was carried out in the *Web of Science* and *Scopus* databases. Various paths of research on LPT were observed, including topics such as: a) expansion of the disqualification and alienation of workers from different sectors; b) intersectionalities of gender and race; c) control and production of consent; and d) emotional labor. Among the new research themes, the growing debate about work through applications and discussions of new forms of worker exploitation and work control dynamics stood out.

Keywords: Labor Process. Sociology of Work. Braverman – theory. Critical Management Studies.

LA TEORÍA DEL PROCESO LABORAL EN LA CONTEMPORANEIDAD: revisión bibliográfica y vías de investigación

Resumen: la *Labor Process Theory* (LPT) se centra en examinar críticamente la dinámica de control, consentimiento y resistencia en los regímenes laborales bajo el capitalismo. A lo largo de los años, varios de sus desarrollos conceptuales han incorporado variadas tradiciones teóricas cuya diversidad motivó la investigación que dio origen a este artículo. El objetivo de este trabajo es analizar la producción internacional sobre LPT durante los últimos trece años, con el fin de identificar sus principales temas y agendas de investigación. Para ello, se realizó una revisión de la literatura en las bases de datos *Web of Science* y *Scopus*. Se observaron diversos caminos de investigación sobre la LPT, incluyendo temas como: a) expansión de la descalificación y alienación de trabajadores de diferentes sectores; b) interseccionalidades de género y raza; c) control y producción del consentimiento; y d) trabajo emocional. Entre los nuevos temas de investigación se destacó el creciente debate sobre el trabajo a través de aplicaciones y discusiones sobre nuevas formas de explotación laboral y dinámicas de control del trabajo.

Palabras clave: Proceso de Trabajo. Sociología del Trabajo. Braverman – Teoría. Estudios Críticos en Gestión.

Introdução

Em sua obra seminal *“Trabalho e Capital Monopolista: a degradação do trabalho no Século XX”*, Braverman (1987), ao retomar a discussão da obra marxista sobre o processo de trabalho e a produção de valor, inaugurou um importante campo de estudo dedicado ao entendimento das relações e dinâmicas de controle e resistência da força de trabalho sob o capitalismo contemporâneo, que posteriormente ficou conhecido como *Labour*

Process Theory (LPT) ou Teoria do Processo do Trabalho. Desde então teóricos de diferentes tradições vêm expandindo a aplicação da LPT em análises sobre as diversas ocupações e setores econômicos; as transformações político-econômicas em escala global (Thompson; Broek, 2010); a problematização de elementos da relação capital-trabalho, tais como o processo de maximização da mais-valia; o controle gerencial; a resistência e a emancipação dos trabalhadores; e o exame da subjetividade no interior das organizações capitalistas (Adler; Forbes; Willmott, 2007).

À época de seu desenvolvimento, a LPT revigorou o debate da sociologia industrial e da sociologia do trabalho, estimulando a produção de pesquisas empíricas voltadas para a crítica das estratégias de controle capitalista, da desqualificação de trabalhadores e da degradação de suas condições de trabalho, no regime taylorista da administração científica (Thompson, 1989). Cerca de cinquenta anos após a publicação do livro de Braverman, a versatilidade e adaptabilidade de sua leitura expandiu-se, com a influência, nas discussões sobre a LPT, de diversas correntes e orientações teóricas de perspectivas neomarxistas, materialistas e pós diferentes setores produtivos e categorias profissionais-estruturalistas (Smith, 2015).

Desdobramentos mais recentes dessa tradição teórica passaram a discutir as transformações do processo de trabalho trazidas pela sofisticação das formas de controles sob o neoliberalismo, a implementação de tecnologias digitais e suas relações com a degradação do trabalho (Smith, 2015). Neste sentido, a LPT representa, no âmbito da área denominada "*Critical Management Studies*", uma importante tradição teórica crítica das relações de trabalho e dos estudos organizacionais (Thompson, 2007).

A lente teórica da LPT possibilita o enquadramento do processo de trabalho a partir de diferentes ângulos e posicionamentos teóricos, permitindo acomodar problematizações, como, por exemplo, o debate sobre novas configurações do trabalho ou sobre seus efeitos sobre a subjetividade e identidade e do trabalhador. No âmbito dos estudos organizacionais, essa lente oferece um arcabouço teórico-analítico sofisticado para o entendimento das novas configurações de controle sobre a força de trabalho e suas possibilidades de resistência em diferentes contextos produtivos, permitindo elucidar as relações entre estrutura e agência, processo de trabalho e subjetividade e o tensionamentos constitutivos da relação capital-trabalho.

O enfoque no tensionamento das forças de controle e resistência em diferentes regimes de produção apresenta-se ainda mais relevante em um contexto de mudanças na dinâmica do trabalho, acarretadas pelas transformações do capitalismo, com destaque para o crescimento do setor de serviços, o surgimento de novas tecnologias e formas de controle da força de trabalho (Newsome; Thompson; Commander, 2013) – refletidas em movimentos como a *Gig Economy* e os trabalhos mediados por aplicativos (Gandini, 2019).

O entendimento da atualidade do debate inaugurado por Braverman motiva o presente artigo que analisa a produção recente no âmbito da LPT e identifica as agendas e temas de pesquisa no período entre 2010-2022. Com base nessa pesquisa traça, ainda, um panorama das transformações da produção acadêmica nesses debates e das contribuições para os estudos organizacionais e suas fronteiras com a sociologia do trabalho. Para alcançar esse propósito foi realizado um mapeamento desse campo teórico a partir de uma revisão de literatura nas bases de dados *Web of Science* (WoS) e *Scopus* que procurou: a) analisar a evolução das citações e publicações; b) identificar os principais periódicos e as

áreas de concentração destes periódicos e c) apontar os principais temas abordados nos artigos, bem como possíveis agendas de pesquisas futuras.

1. Teoria do Processo de Trabalho (*Labour Process Theory*)

Retomando as críticas de Marx sobre o processo de trabalho capitalista, Braverman (1987) argumentou que o capitalismo no século XX caracterizava-se por monopólios de grandes corporações, pela ampliação da racionalização da produção e do controle da força de trabalho, cuja desqualificação e alienação seriam provenientes da separação entre a concepção e a execução das atividades, característica da administração científica e da gestão taylorista da produção (Braverman, 1987). Com isso, a LPT tem seu ponto de partida no aprofundamento da leitura da exploração da força de trabalho, buscando o entendimento das dinâmicas de controle exercidas pelas empresas, que viabilizariam a exploração e a maximização da mais-valia (Wright, 2011).

A repercussão desta obra atraiu a atenção de estudiosos críticos, revigorando o debate sobretudo na sociologia do trabalho. Neste contexto, diversas contribuições teóricas alimentaram a discussão das transformações do controle gerencial e do contexto de resistências nas indústrias (Edwards, 1979; Friedman, 1977). Também surgiram críticas à obra de Braverman. Apontou-se a falta de uma discussão aprofundada sobre as contradições inerentes ao processo de produção capitalista e a subjetividade do trabalhador (Littler; Salaman, 1982). Ele também foi criticado por defender a ideia de que as contradições e a resistência seriam resultantes principalmente da desqualificação do trabalho, atribuindo à separação entre a concepção e a execução do processo de trabalho a centralidade dos efeitos deletérios sobre o trabalhador, desconsiderando que nem sempre esta seria a melhor estratégia das empresas (Friedman, 1977).

Além da obra de Braverman, outra contribuição importante para expandir e desenvolver o campo da análise da LPT foi a de Burawoy (1979), que se interessou pela dimensão subjetiva do trabalhador, considerando, portanto, as dimensões política e ideológica do processo de trabalho (Burawoy, 1979). Neste sentido, o autor introduz a ideia de consentimento, derivada da perspectiva gramsciana de “hegemonia”, para representar o alinhamento do trabalhador ao capitalismo e seu engajamento no processo de trabalho e na reprodução dos interesses dominantes, contribuindo com seu próprio controle e exploração (Knights; Willmott, 1990).

A partir da década de 1990, os estudos sobre o controle do processo de trabalho se desdobraram em debates sobre subjetividade, cultura e poder (Ezzy, 1997; Knights, 1990; O’Doherty; Willmott, 2001). O debate acerca da subjetividade, no campo da LPT, fragmentou-se nas tradições pós-estruturalistas, influenciadas, sobretudo, pelo pensamento de Foucault (Knights, 1990), cujas discussões no âmbito das organizações, sobretudo nos terrenos da identidade e discurso, passaram a constituir tópicos dos *Critical Management Studies* (Thompson, 2007). Ao explorar categorias como vigilância, disciplina, tecnologia do poder, construção identitária e autopercepção, a subjetividade e o poder foram colocados no centro da discussão sobre o engajamento voluntário dos trabalhadores no processo de trabalho capitalista (Knights; Willmott, 1990; McCabe, 2007; O’Doherty; Willmott, 2001).

Ainda no âmbito da LPT, a discussão sobre o controle da força de trabalho enfatiza o caráter sutil e sofisticado que este assume na contemporaneidade. Na medida em que a reestruturação produtiva do capitalismo se expande para o segmento de serviços e, em alguma medida, se sobrepõe ao setor industrial, novas tecnologias gerenciais para além do formato coercitivo passam a ser empregadas no processo de trabalho para ampliar o controle e o engajamento de trabalhadores (O'Doherty; Willmott, 2001).

Neste contexto, dispositivos comuns da vivência organizacional, como a cultura organizacional e a propagação de valores, são encarados como modalidades de controle normativo, capazes de produzir o consentimento do trabalhador à exploração de seu trabalho mediante a padronização de seus comportamentos (Ezzy, 1997; Kunda, 1995). Discute-se, ainda, o impacto de regimes de trabalho de alta performance e de técnicas gerenciais competitivas, e seus efeitos na subjetividade dos trabalhadores (Knights; McCabe, 1998), culminando na construção de identidades adequadas para a reprodução do processo de trabalho (Alvesson; Willmott, 2002; Collinson, 2003).

No contexto de crescimento do setor de serviços e das tecnologias digitais ampliam-se discussões sobre o controle do trabalho de profissionais do conhecimento e de gestores (McCann; Morris; Hassard, 2008). Nesse contexto, um segmento laboral bastante estudado no começo dos anos 2000 foi o de operadores de *call-centers*, explorando-se as categorias de resistência, controle e consentimento nesse segmento (Russell, 2008). Outros desdobramentos deste debate apontam para o agravamento da instrumentalização da subjetividade do trabalhador no processo de trabalho em modalidades (neo)normativas de controle que visam a conversão de características pessoais em recursos organizacionais (Fleming; Sturdy, 2009; Lemos; Silva; Serra, 2020).

Por fim, observa-se que a LPT se destaca, progressivamente, como importante lente teórica para se entender as dinâmicas de trabalho contemporâneas, ao explorar as relações entre subjetividade, controle, consentimento e resistência nas organizações sob o capitalismo (Thompson; Smith, 2009). A constatação da atualidade e relevância da LPT motivou a presente pesquisa, que buscou conhecer o estado-da-arte nesta temática.

2. Percurso metodológico

O objetivo deste artigo é analisar a produção sobre a LPT, apontar suas tendências e principais desdobramentos nos últimos anos, e sugerir agendas de pesquisa para o cenário brasileiro e mundial. Adotou-se uma abordagem de pesquisa bibliográfica que visa mapear e compreender esse campo de conhecimento (Tranfield; Denver; Smart, 2003), sob os pontos de vista quantitativo e qualitativo. O recorte temporal da pesquisa compreendeu o período de 2011 a 2022. Inicialmente foram verificados os indicadores bibliométricos da produção e dos periódicos e, em seguida, realizada uma análise de conteúdo (Bardin, 2016) para apontar os principais temas e agendas de pesquisas presentes nos estudos.

Na primeira fase da revisão foram definidos os principais termos de busca (LPT e suas variações), critérios (artigos, revisões) e delimitadas, como bases de dados, a coleção principal da *Web of Science* (WoS), em sua nova versão, e a *Scopus*. Foram realizadas buscas por meio dos termos (1) "*labo* process theor**"; utilizando como campo "tópico" (título, palavras-chave e resumo) ou (2) "*labor process*"; ou (3) "*labour process*", estas

últimas no campo de busca de “palavra-chave do autor” (*Author Keywords*), englobando especificamente as palavras-chave estabelecidas pelos autores dos artigos. O segundo e o terceiro termos foram empregados para expandir a busca, tendo como objetivo atingir trabalhos que realizam a análise do processo de trabalho e que pudessem fazer parte do conjunto analítico da LPT, ou cujas variações não fossem contempladas pelo primeiro termo, como “*labour process analysis*”.

Essas buscas, sem os critérios temporais, resultaram em 432 artigos, na WoS, e 695, na *Scopus*. Com a aplicação do critério temporal (2011 a 2022), os resultados chegaram a 280 artigos na WoS e 395 artigos na *Scopus*. Após esse filtro temporal, identificaram-se os artigos duplicados, consolidando-se dados entre as duas bases. Em seguida, as categorias dos artigos foram submetidas a análise para desconsiderar categorias não relacionadas com o campo da LPT, o que resultou em um corpus refinado de 387 artigos.

A etapa de seleção foi realizada pelos pesquisadores individualmente e, em um segundo momento, de forma conjunta, para averiguar a coerência e alinhamento dos critérios de seleção. Após os procedimentos de refinamento dos resultados 250 artigos foram selecionados, na fase de classificação e consolidação para a análise quantitativa e de indicadores bibliométricos. Finalmente, os artigos foram baixados das bases de dados. Trinta deste total não foram extraídos ou não estavam disponíveis com acesso aberto, o que levou o trabalho a se dedicar a um total de 220 artigos.

Posteriormente, os 220 artigos selecionados foram submetidos à análise de conteúdo (BARDIN, 2016), com a leitura das seções de resumo, introdução e considerações finais, organizando-os em macro categorias, em função de temas comuns identificados, o que permitiu uma visão crítica de seus achados e de suas agendas de pesquisa. Os resultados da pesquisa são apresentados, a seguir.

3. Apresentação dos resultados

Esta seção está estruturada em dois subitens e apresenta os resultados obtidos após seleção, análise e leitura dos artigos que abordam o tema investigado. O primeiro subitem mapeou aspectos objetivos, de caráter bibliométrico do corpus identificado. O segundo, elaborado após a leitura dos artigos selecionados, buscou categorizar e discutir os principais temas abordados nos artigos.

3.1. Mapeamento da amostra da produção internacional sobre LPT

Este subitem, com contornos bibliométricos, foi organizado em duas partes: 1) a evolução das citações e publicações ao longo do tempo; 2) os principais periódicos e as áreas de concentração destes periódicos.

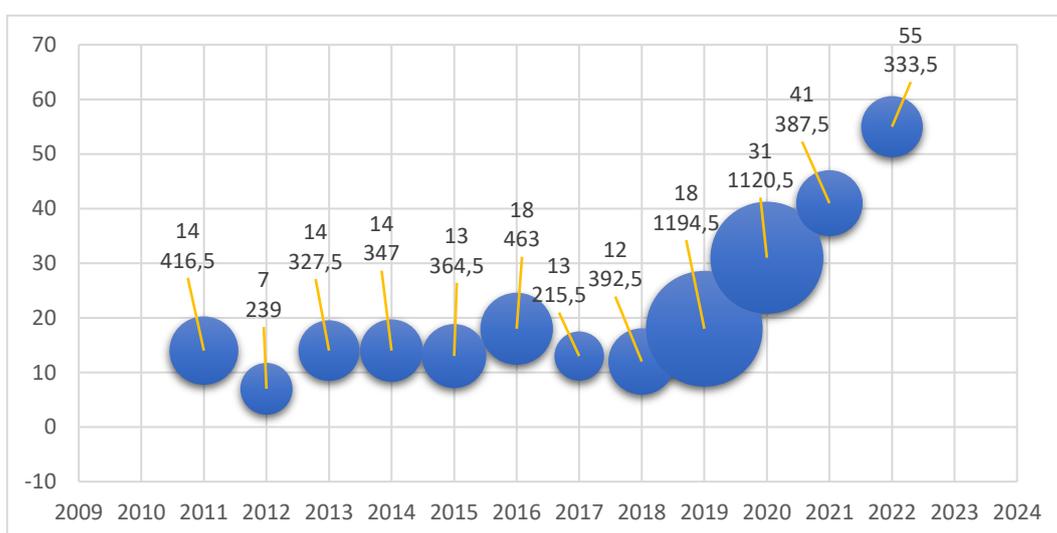
3.1.1. Evolução de publicações e citações

No Gráfico 1 apresentam-se, conjuntamente, a quantidade de publicações (y) nos diversos anos (x); as médias das citações dos artigos (nas bases WoS e *Scopus*) podem ser verificadas a partir do tamanho dos círculos, em cada ano, e dos valores apontados acima

deles. Constatou-se que o ano de 2019 foi o que apresentou mais citações referentes à literatura da LPT, com uma média de 1194 citações entre a WoS e a *Scopus*, enquanto 2022 foi o ano com o maior número de publicações, com 56 artigos.

Pode-se observar que, no período entre 2011 a 2022, a quantidade de publicações relacionadas à LPT oscilou, mas há uma tendência incremental a cada ano e, em especial, nos últimos quatro anos, quando as publicações apresentaram um crescimento contínuo. Neste período, o artigo de Wood *et alii* (2019), "*Good Gig, Bad Gig: autonomy and algorithmic control in the global gig economy*" foi o mais citado, com uma média de 568 citações. O aumento da produção, neste último período, também esteve associado ao crescimento do debate acerca da *Gig Economy* e do trabalho mediado por aplicativos, que impulsionaram e revitalizaram as discussões no âmbito da LPT e motivaram a maioria dos artigos de 2019 até 2022.

Gráfico 1 – Nº de Publicações e nº Médio de citações no WoS e Scopus.



Fonte: elaborado pelos autores.

3.1.2. Principais periódicos-

A Tabela 1 apresenta os principais periódicos que concentraram os artigos no período 2011-2022. No total, 135 periódicos diferentes foram contabilizados; entretanto, os resultados foram ordenados com base no somatório de citações de seus artigos e foram considerados para análise aqueles que apresentaram 100 ou mais citações.

O periódico "*Work, employment and Society*" apresenta a maior concentração de artigos sobre o tema, em torno de 17% das publicações, seguido pelo periódico "*New technology, work and employment*", ambos com o foco em relações de trabalho e emprego. Com o "*Human Relations*", concentram 61,5% de todas as citações.

As demais publicações distribuem-se entre periódicos de temáticas sociológica, estudos organizacionais, gestão, bem como em publicações específicas de categorias profissionais de setores como jornalismo e educação. Dessa forma, observa-se que, mesmo com a predominância na área sociológica, a LPT tem sido utilizada em diferentes áreas do conhecimento.

Tabela 1 – Nº de artigos de periódicos selecionados, nº médio de citações, por repositório.

JOURNALS	Nº de Artigos	%	Cit. MÉDIA (WoS e Scopus)	% CITAÇÕES	SCImago Journal Rank (SJR)	
Work Employment And Society	32	12,80%	1884,5	32,48%	1,99	
Academy Of Management Annals	1	0,40%	452,5	7,80%	15,63	
Human Relations	6	2,40%	435	7,50%	3,51	
New Technology Work And Employment	11	4,40%	329	5,67%	1,67	
Organization Studies	4	1,60%	203	3,50%	4,54	
American Sociological Review	2	0,80%	187	3,22%	7,41	
New Media & Society	1	0,40%	177	3,05%	2,08	
Socius	1	0,40%	156	2,69%	1,57	
Work And Occupations	3	1,20%	91	1,57%	1,39	
Environment And Planning A-Economy And Space	3	1,20%	90	1,55%	1,59	
Organization Science	2	0,80%	88	1,52%	6,54	
Organization	3	1,20%	76	1,31%	0,391	
Communication Review	1	0,40%	71	1,22%	1,96	
Journal Of Industrial Relations	3	1,20%	70,5	1,22%	0,588	
Digital Journalism	1	0,40%	61	1,05%	1,165	
Demais Periódicos (Q1)	62	91	36,40%	1024,5	17,66%	2,634
Demais Periódicos (Q2)	28	45	18,00%	316	5,45%	-
Demais Periódicos (Q3)	15	17	6,80%	59,5	1,03%	-
Demais Periódicos (Q4)	3	3	1,20%	0	0,00%	-
Demais Periódicos (Sem classificação)	12	20	8,00%	30	0,52%	-
Total	135	250	100,00%	-	100,00%	-

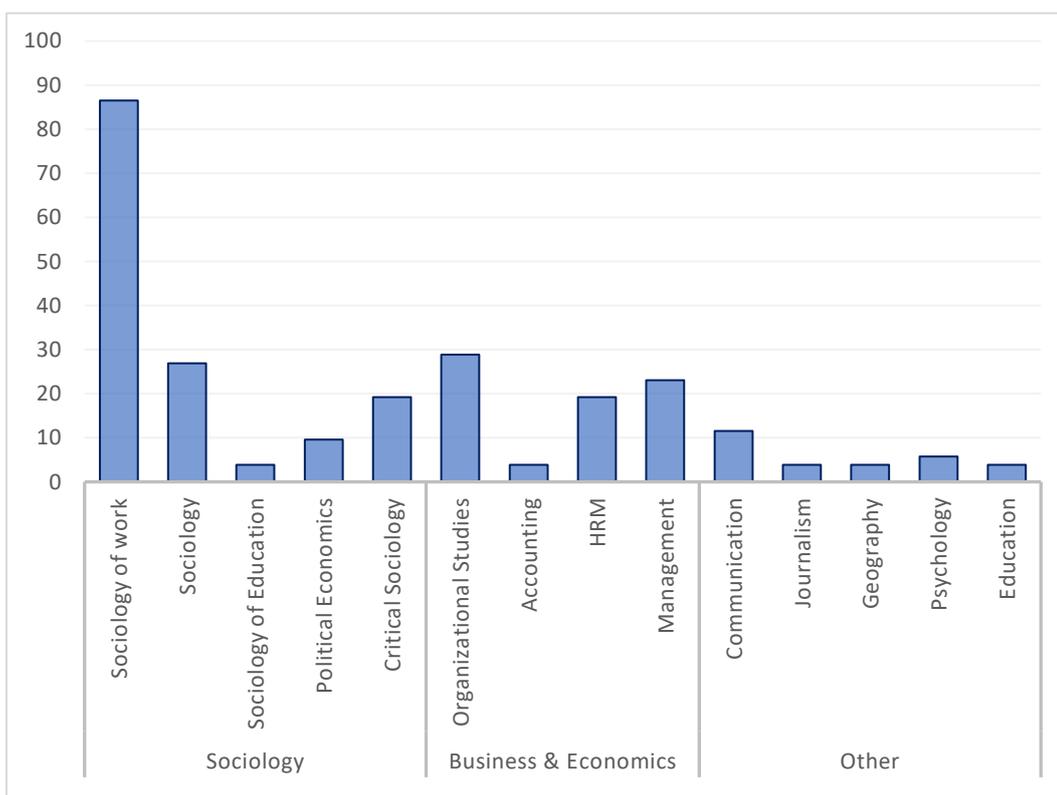
Fonte: Elaborado pelos autores com base nas informações SCImago Journal & Country Rank (SJR) 2022

Ao se analisarem os principais temas dos periódicos (Gráfico 2), observa-se a predominância das áreas de *Sociology* e *Business & Economics*. No campo da Sociologia observaram-se especificidades referentes aos escopos dessas publicações, com uma grande concentração de artigos em revistas de sociologia do trabalho, em abordagens mais críticas derivadas das tradições marxistas.

A predominância de publicações na área de sociologia, com 128 artigos, é reflexo das interfaces com a sociologia industrial e do trabalho. Mas as áreas de sociologia da educação e economia política também são palco de debates que incorporam a LPT. O volume de publicações na área de *Business & Economics* sinaliza o desdobramento da LPT para áreas dos estudos organizacionais, com ênfase nos debates no âmbito dos Estudos Críticos em Gestão (CMS), além de discussões sobre controle e resistência.

Finalmente, em menor volume, artigos sobre LPT foram encontrados em periódicos das áreas agrupados em "Outros tópicos", que incluem *Communication, Journalism* (discussões sobre as transformações do trabalho dentro do jornalismo e das áreas de comunicação), *Geography* (apontando processos de exploração de mão de obra em cadeias produtivas de países), *Psychology* (discussões sobre motivação, controle e processos subjetivos) e *Education* (precarização e exploração do trabalho docente). Pode-se observar, assim, a ramificação e os desdobramentos desta tradição teórica em diferentes campos do conhecimento, na atualidade.

Gráfico 2 – Nº de artigos, por áreas de pesquisa dos periódicos.



Fonte: Elaborado pelos autores

A análise da amostra indicou tanto a presença marcante, na última década, de publicações que incorporam a literatura sobre LPT - com destaque para o ano de 2022 - quanto o caráter interdisciplinar desse debate, o que reafirma sua pertinência e atualidade. Os principais temas abordados nessas publicações serão abordados na seção seguinte.

3.2. Análise do conteúdo dos artigos sobre LPT: temas e agenda de pesquisa

O presente subitem foi estruturado em seis grandes temas, sintetizados pelos autores a partir da leitura dos artigos pesquisados. Buscou-se agrupar e nomear os principais temas abordados nos artigos, bem como sintetizar agendas de pesquisas futuras, com base nos direcionamentos de pesquisas presentes nos referidos artigos.

Cada grande tema foi composto a partir da leitura de determinadas seções dos artigos do corpus final. Contudo, para sintetizar os principais pontos da discussão, elencaram-se os artigos de maior representatividade, tanto pelo volume de citações quanto pela aderência ao tema, para serem referenciados diretamente na categoria respectiva. Como o *corpus* de pesquisa foi composto por um grande volume de artigos, não foi possível incluir transcrições dos textos lidos, por mais representativos que fossem, por isso buscou-se identificar e sintetizar os temas considerados mais relevantes.

seguir, cada um desses temas é sinteticamente discutido, com o intuito de oferecer um panorama do debate em curso que incorpora lentes da LPT, e apontar possíveis caminhos de pesquisas futuras.

3.2.1. Precarização do trabalho, desqualificação e alienação do trabalhador qualificado

Os debates sobre a precarização das relações e condições laborais, sobre o surgimento de novas modalidades flexíveis e desprotegidas de trabalho e sua relação com a alienação do trabalho no capitalismo contemporâneo permeiam as discussões presentes nos artigos. Compõem um panorama comum em vários setores e países; e atraem a atenção de muitos pesquisadores que estudam o contexto do trabalho em países periféricos e na fragmentação do processo de trabalho nas cadeias produtivas globais (Baglioni, 2018; Erköse, 2020; Naz; López *et alii*, 2022).

A crescente influência do neoliberalismo e seus desdobramentos na intensificação do trabalho, na precarização e no aumento da exploração dos trabalhadores foi percebida em modalidades de trabalho tradicionalmente tayloristas, como mineração e construção civil (Townsend *et alii*, 2011), mas expandiu-se entre categorias profissionais qualificadas, como o trabalho docente (Fitzgerald *et alii*, 2019; Woodcock, 2018) bem como nos segmentos de serviços e da indústria criativa (Thompson; Parker; Cox, 2016), sobretudo aquelas mais influenciadas pelas tecnologias digitais que passam a viabilizar novas formas de automatização do trabalho (Mengay, 2020).

Bertuzzi (2020) aponta esta dinâmica no setor da indústria criativa, revelando como escritores e artistas vêm sofrendo um processo de proletarização e desqualificação, na medida em que seu processo de trabalho é reorganizado para o atendimento de mercados de massa.

As pesquisas que dão continuidade à tese da desqualificação de Braverman investigam a apropriação do conhecimento do trabalhador e sua cristalização no maquinário fabril, bem como abordam o impacto de tecnologias na comoditização e precarização de profissões como o jornalismo (Cummings, 2020), ou mesmo discutem o processo de digitalização do trabalho como uma nova forma de taylorismo, ao segmentá-lo e engessá-

lo por meio da tecnologia informacional que priva o trabalhador de sua autonomia e de seu potencial criativo (Mengay, 2020).

As agendas de pesquisa dos artigos buscam maior entendimento crítico sobre as novas formas de precarização e suas relações com formas de controle específicas. Trazem, ainda, observações sobre o crescente processo de digitalização do trabalho e a desapropriação do saber técnico de setores compostos por força de trabalho qualificada.

3.2.2. Interseccionalidades do processo de trabalho

O debate acerca do gênero, no contexto da sociologia do trabalho, tem sido alvo de discussão de pesquisadores com o objetivo de atualizar a leitura da LPT (Huppertz; Ross-Smith, 2017), que pouco aborda esse tema (Smith, 2015). Alguns estudos do processo de trabalho exploram a questão da interseção das questões de gênero com outras estruturas de dominação (Reddy; Sharma; Jha, 2019), tratando do uso de relações estruturais de poder e preconceito para disciplinamento e exploração de mulheres, contratadas como mão de obra barata (Baglioni, 2022). Partindo de uma perspectiva histórica para a análise do processo de trabalho, Walker (2017) explora, comparativamente, as vivências de mulheres negras trabalhadoras domésticas contemporâneas com mulheres negras no período da escravidão, examinando as semelhanças entre as estratégias coletivas e individuais de resistência empregadas por essas mulheres, em diferentes momentos históricos, contra sua exploração e opressão.

Aspectos da teoria atravessados por questões de classe social foram abordados por Crowley (2014) ao investigar a dinâmica de trabalho em uma fábrica nos Estados Unidos, onde se observou o uso de estratégias e configurações complexas de controle que correspondem a recortes de classes específicas, contribuindo com o adensamento de assimetrias entre classes no espaço de trabalho. Essas assimetrias foram verificadas, sobretudo, nas variações ocupacionais e no tratamento coercitivo de funcionários de determinado extrato social. No cenário latino-americano, destaca-se o trabalho de Pérez e Cifuentes (2020) que chama a atenção para a necessidade de pesquisas capazes de trazer à realidade latino-americana o debate internacional sobre classe e processo de trabalho.

O artigo de Hürtgen (2020) explora o racismo e a xenofobia como partes de um conjunto de formas de subjetivação que reproduzem configurações sociais reificadas e exercem influência no processo de trabalho. O racismo, no contexto da LPT, seria visto como uma forma de restringir a agência do trabalhador e de produzir uma divisão do trabalho com base na raça, bem como naturalizar e ampliar a subordinação e exploração de grupos étnicos minoritários (Hürtgen, 2020).

Os estudos ressaltam a necessidade da ampliação de pesquisas que apontem para a complexidade e formas de combate das diferentes estruturas de dominação e como elas atravessam e moldam o processo de trabalho a partir de suas interseções de gênero, classe e raça. Deve-se buscar maior entendimento sobre como operam estas estruturas na ampliação e legitimação do controle e exploração de mulheres, imigrantes e grupos étnicos e raciais minorizados.

3.2.3. Trabalho digital e mediado por aplicativos

Ao deter-se sobre as mudanças estruturais causadas pelas tecnologias de comunicação e informação, a LPT tem sido uma lente útil para o estudo das práticas de gestão e organização do trabalho na modalidade digital (Moore; Joyce, 2020) e dos trabalhos mediados por plataformas digitais (Gandini, 2019; Donnelly; Johns, 2021) inseridos nos contextos da *sharing* e *gig economy* (Chai; Scully, 2019).

Todos os artigos que discutem os trabalhos digitais e mediados por aplicativos foram publicados entre 2018 e 2022. O principal tema de discussão nesses estudos são as novas configurações entre trabalho e o capital, controle algorítmico, precarização e resistências dos trabalhadores.

As transformações no âmbito das relações e da exploração do trabalho mediado por aplicativos são registradas por estudos em vários países: entre entregadores de comida na Austrália (Veen; Barratt; Goods, 2020), no Reino Unido e na Itália (Tassinari; Maccarrone, 2020), entre trabalhadores do Uber e *Didi express*, na China (Wu *et alii*, 2019; Qi; Li, 2020), Sudeste Asiático e África (Wood *et alii*, 2019) e no Chile (Morales; Stecher, 2022). Há análises, também sobre a heterogeneidade desse campo, que abarca não só o trabalho mediado por aplicativos (Uber, Deliveroo, Uber eats e outros) como o trabalho remoto para as plataformas: Amazon Mechanical Turk e outros (Lehdonvirta, 2018).

A questão do controle que as plataformas têm sobre os trabalhadores é abordada sob o ponto de vista do monopólio de informações e gerenciamento das partes interessadas (Huang, 2021), da gestão do espaço (Heiland, 2021) e do controle algorítmico (Schaupp, 2022; Li, 2022).

Por outro lado, os trabalhadores começam a se organizar em todo o mundo contra as plataformas, como mostra Lei (2021), que mapeou 87 greves de trabalhadores plataformizados na China e outros autores, que trataram de manifestações e greves em diversos países, como Reino Unido e Itália (Tassinari; Maccarrone, 2020), e da solidariedade entre trabalhadores plataformizados reunidos em comunidades, associações e sindicatos (Panimbang, 2021).

As agendas de pesquisa apresentadas nesses artigos sinalizam um contexto de ampliação da uberização do trabalho no mundo, revelando o quanto a LPT pode contribuir para o debate crítico sobre o trabalho digital e mediado por aplicativos. Uma das contribuições possíveis é a análise do funcionamento da *Gig economy*, como modelo organizacional que usa infraestruturas digitais para promover uma mudança radical nas relações de trabalho, uma “uberização” de todo o trabalho. Reforçada por esses novos estudos, a LPT também tem o poder de alterar a forma como concebemos os trabalhadores digitais, até recentemente tratados como usuários ou livre empresários (Gandini, 2019).

A LPT permite fazer comparações entre tipos de trabalho, empresas e países, sobre as forças que impulsionam o mercado, bem como sobre as pressões por mudança, principalmente dos trabalhadores. Sinaliza, também, para a necessidade de trazer a este debate questões como ética nos negócios; responsabilidade social corporativa (Chai; Scully, 2019); estudos sobre o trabalho remoto; e a gestão dos recursos humanos na economia digital (Donnelly; Johns, 2021).

Os pesquisadores defendem ser necessário estudar o trabalho mediado por plataformas em outros países e regiões (por exemplo a América Latina) e modalidades de serviços (Qi; Li, 2020; Veen *et alii*, 2020). Busca-se, assim, um maior entendimento das

diferenças nas dinâmicas de controle e processos de trabalho, principalmente do controle algorítmico, e das possibilidades de resistência desses trabalhadores

3.2.4. *Novas formas de resistências*

O debate acerca da resistência do trabalhador é uma das categorias centrais da LPT. Os estudos organizados sobre este tema abordam lutas históricas por direitos trabalhistas, greves e conflitos trabalhistas na África, apontam para releituras das formas e experiências de coletivismo (Huang; Huang; Mai, 2022) e para os atuais desafios à consolidação de movimentos coletivos de resistência, na medida em que se observa uma perda de confiança dos trabalhadores com relação à representação sindical, somada a uma maior deterioração dos empregos formais e informais e ao aumento da precarização do trabalho - especialmente no contexto da *Gig Economy* (Cini; Maccarrone; Tassinari, 2022; Cameron; Rahman, 2022).

Este debate, por vezes, pode retratar outras formas de resistência e ação, pois os estudos da subjetividade demonstram a agência dos trabalhadores que, às vezes, optam por diminuir sua resistência e aceitar as condições de trabalho impostas, a fim de reforçar um senso de identidade que passa por sua condição de trabalhador (Lloyd, 2017).

No atual momento do capitalismo, a resistência assume outras escalas, formas e matizes: desde pequenas estratégias individuais para fazer frente à exploração, como o uso do senso de humor como estratégia para desarticular o controle gerencial em uma fábrica taylorista (Korczynski, 2011) de modo a subverter os controles gerenciais (Yang; Dunnay; Tweedie, 2020); ou até formas relativamente mais coordenadas, como a série de protestos, de trabalhadores rurais migrantes na China em luta por proteção previdenciária (Hui; Chan, 2022).

Neste contexto, a própria tecnologia pode contribuir e constituir novos espaços de resistência do trabalhador (Shulzhenko; Holmgren, 2020). Contudo, Ikeler (2019) mostra que o enfraquecimento do sindicato ampliou o processo de deterioração da qualidade do trabalho, com crescente precariedade e diminuição da identidade dos trabalhadores, os quais, além da falta de representatividade sindical, se veem entre o controle exercido pela gestão e as demandas dos clientes.

No contexto do trabalho docente, as pesquisas de Mather, Worrall e Mather (2012) e Mather e Seifert (2014) abordam as dinâmicas de resistência e controle de professores no contexto de reformas neoliberais na educação. Outros autores discutem formas de enfrentamento em que trabalhadores podem se organizar em sindicatos por melhores mecanismos de proteção social.

Os autores apontam, como agenda de pesquisa futura, a necessidade de maior envolvimento dos pesquisadores em estudos que mostrem a emancipação dos indivíduos e trabalhadores (Stewart; Lucio, 2011). Neste sentido, as discussões enfatizam a necessidade de examinar as forças que impedem a organização dos trabalhadores (Ikeler, 2019) e de criar espaços institucionais seguros para o fortalecimento dos sindicatos (Perez; Link, 2018). Também se discute o papel da academia na contribuição de novas formas de organização e saberes de resistência, com o uso da tecnologia e a pesquisa colaborativa para reaproximar a academia dos trabalhadores (Woodcock, 2018).

3.2.5. Controle e produção do consentimento

A dinâmica do controle da força de trabalho é outra categoria central na literatura que utiliza a LPT. As pesquisas agrupadas neste tema abordam diferentes articulações e configurações de controle gerencial, tendo em vista a ampliação da produção de mais-valia. Além disso, o debate acerca do controle visa entender os mecanismos que viabilizam a exploração que produz o consentimento do trabalhador ao processo de trabalho, bem como a fragmentação de suas possibilidades de resistência. Neste sentido, tais estudos discutem tanto a ampliação e sofisticação das formas de controle da força de trabalho, quanto o uso da tecnologia na articulação de discursos que visam engajar o trabalhador em sua própria exploração (Laaser, 2016; Lynn, 2017).

Algumas pesquisas abordam os impactos do neoliberalismo em diversos setores e as transformações em modos de gestão e controle (Huising, 2014; Moth, 2020; McDonald *et alii*, 2022) que passam de abordagens burocrático/tayloristas para os formatos mais "soft", pós-burocráticos (Raelin, 2011), pós-fordistas e indiretos (Sallaz, 2015). Busca-se entender como as empresas motivam seus funcionários em um contexto de trabalho precário e inseguro. Nesse contexto, são analisados os discursos sobre autonomia e flexibilidade no trabalho (Spivack; Milosevic, 2018), recrutamento e seleção (Halpin; Smith, 2019) e sobre técnicas de gestão de pessoas e talentos que alegam ampliar a percepção de empoderamento do trabalhador, mas que o engajam em mecanismos de controle de seu próprio trabalho (Ivanova; Von Scheve, 2020).

A emergência de formatos sutis e indiretos de controle é bastante explorada em pesquisas que problematizam técnicas gerenciais aparentemente neutras, mas utilizadas para mascarar a intensificação e formas precarizadas de trabalho a partir de conjuntos heterogêneos de controle articulados no processo de trabalho.

Outra característica bastante presente é o estudo do crescente impacto da tecnologia no processo de trabalho, problematizando novas formas de monitorar trabalhadores (Ellway, 2013; Elliott; Long, 2016; Briken, 2020). A pesquisa de Moore e Robinson (2016) explora o uso de tecnologias "*wearables*" ("vestíveis") que permitem e promovem mensuração constante e intensificada do desempenho dos trabalhadores que usam esse tipo de equipamento. A modalidade de trabalho remoto também é discutida a partir das formas de controle que a atravessam (Fana *et alii*, 2022).

Agendas futuras neste segmento poderão ampliar o debate, identificando e registrando novas formas de controle da força de trabalho e da crescente influência em diferentes organizações (público e terceiro setor) (Sallaz, 2015), bem como expandindo a análise para países com diferentes lógicas institucionais e percursos históricos (sul global), observando como estes contextos e regimes institucionais se articulam com o controle da força de trabalho.

Observa-se, ainda, uma grande concentração de pesquisas sobre a aceitação irrefletida de discursos e técnicas gerenciais (Price; Mansfield; McConney, 2012), bem como a inserção e o uso indiscriminado e invasivo de tecnologias para o controle do processo de trabalho e do monitoramento de trabalhadores em diferentes contextos e *loci* de produção.

3.2.6. Trabalho Emocional: capitalizando a subjetividade

O debate acerca do trabalho emocional no âmbito da PLT remete à discussão, abordada por Hochschild (1983), que define o conceito como um componente subjetivo e indissociável da força de trabalho e que, portanto, faria parte do processo de produção de mais-valia. Geralmente associado à área de serviços, o termo é empregado para tratar da instrumentalização das emoções do trabalhador como extensão do controle do empregador; sua discussão tem contribuído para o enriquecimento das análises da subjetividade no processo de trabalho (Brook, 2013).

Outra frente de debate aborda conceitos como “inteligência emocional” e “*economy of feelings*” à luz da LPT, apontando como a ideia de habilidade emocional e comportamental é aplicada e explorada no processo de trabalho. Entre outros resultados desses estudos, demonstra-se que os trabalhadores considerados, arbitrariamente, “habilidosos emocionalmente” são aqueles que demonstram alinhamento com a organização e melhor reproduzem seus interesses (Vincent, 2011). Os estudos de Bailly e Léné (2013) e Ikeler (2016) abordam, no segmento de varejo, o aumento da demanda por *soft skills* e habilidades emocionais de trabalhadores, apontando a tendência de as organizações incorporarem as qualidades sociais, interpessoais e emocionais dos funcionários no processo de trabalho, especialmente em um contexto de trabalho digital e mediado por algoritmos (Terry *et alii*, 2022).

Pesquisas futuras das articulações entre LPT e trabalho emocional devem problematizar a comoditização e instrumentalização de características pessoais e emoções de trabalhadores, discutindo criticamente conceitos como “inteligência emocional” e seus impactos no trabalhador (Vincent, 2011), assim como considerar as emoções como componentes da força de trabalho, examinando como são afetadas e apropriadas no processo de trabalho (Woods *et alii*, 2018).

Considerações finais

Ao apresentar uma revisão bibliográfica da produção científica que contempla a LPT e seus desdobramentos, no período entre 2011 a 2022 nas bases *Web of Science* e *Scopus*, o presente artigo procurou contribuir para os campos de estudos sobre relações de trabalho e sobre estudos organizacionais e suas fronteiras com a sociologia do trabalho, ao revelar o interesse crescente no debate sobre LPT e mapear os principais temas que estruturam esse debate. Buscou-se, ao identificar e sintetizar os principais temas abordados nos artigos, apresentar um mapa útil aos pesquisadores que desejam aprofundar seus estudos sobre o tema.

O crescimento de publicações relacionadas à LPT em periódicos de alto impacto, achado relevante da presente pesquisa, revela a atualidade das discussões acerca do tensionamento da relação capital-trabalho e suas transformações nos últimos anos.

Ressalta-se a proeminência do periódico “*Work, employment & society*” como a principal publicação a veicular artigos sobre o tema. Além disso, a multiplicidade de *periódicos* (135) que publicaram artigos sobre o tema e as diferentes áreas de concentração e pesquisa envolvidas na discussão indicam a potencialidade e adaptabilidade da LPT para subsidiar debates que contemplam categorias profissionais e segmentos produtivos contemporâneos, permitindo explorar as diferentes manifestações e contextos do processo de trabalho sob o capitalismo.

Uma possível interpretação para o crescimento das publicações com o arcabouço teórico da LPT pode estar associada ao aumento da precarização e deterioração das condições do trabalho globalmente. Argumentamos que, ainda que a LPT tenha sua origem situada no contexto histórico do final do século XX, no aparato produtivo do trabalho fabril, sua lente vem sendo usada, com sucesso, para analisar as configurações atuais das relações de trabalho, cuja precariedade, intensificação e a fragilidade de direitos assemelham-se ao contexto de trabalho que marcou o surgimento dessa abordagem teórica. Em outros termos, ainda que as configurações contemporâneas do trabalho não sejam as mesmas da primeira metade do Século XX, a exploração do trabalho segue intensa, ainda que mediada por novas ferramentas tecnológicas.

Assim, observou-se que a tradição teórica inaugurada há cinco décadas por Braverman está consolidada e se mostra ainda relevante para o entendimento da reestruturação produtiva do capitalismo, das metamorfoses do mundo do trabalho e das novas dinâmicas laborais que as acompanham. Por meio da análise de conteúdo empreendida foi possível sintetizar as principais temáticas abordadas nos artigos - cujas discussões sinalizam as frentes de investigação das grandes transformações do capitalismo - possibilitando o direcionamento e a concentração de esforços de pesquisa com vistas a compreender os desdobramentos dessas transformações.

Nesse sentido, seguem proeminentes os temas que abordam a sofisticação das diferentes formas de controle sobre a força de trabalho, viabilizadas pelo uso massificado de tecnologias digitais. Em paralelo merece destaque a constatação da ampliação dos discursos que enaltecem a autonomia e o “empoderamento” do trabalhador, ofuscando a relação capital-trabalho que o leva a consentir sua exploração. Por outro lado, o debate da desqualificação (*deskilling*) - efeito da privação da autonomia do trabalhador - ganha atualidade na medida em que o uso de algoritmos e demais tecnologias submetem o trabalhador a ritmos de trabalho e parâmetros de desempenho rigorosos, ao mesmo tempo em que se apropriam do conhecimento produzido nas plataformas.

Assim, destaca-se no levantamento realizado, o crescimento de pesquisas que se baseiam na LPT para discutir a dinâmica interna de trabalhos digitais e daqueles mediados por aplicativos e plataformas, abordando aspectos como a recursividade do controle algorítmico da força de trabalho e as resistências dessa categoria de trabalhadores. A leitura dos artigos permitiu identificar, portanto, no contexto da *gig economy*, grandes desafios para as formas de resistências institucionalizadas, como os sindicatos, dado que a precarização e atomização do trabalhador vêm se consolidando como formas hegemônicas de organização do trabalho.

Em contrapartida, apesar da atualidade e urgência do tema, outro achado da presente pesquisa foi o conjunto incipiente de estudos no âmbito da LPT que trataram explicitamente as discriminações racial e de gênero imbricadas no processo de trabalho e que podem operar como mecanismos de controle. Contudo, o debate tem sido bastante contundente ao apontar como organizações não apenas reproduzem as estruturas de segregação e preconceito, mas as articulam ativamente enquanto mecanismos de produção e captura de mais-valia e, portanto, como meio exploração de um contingente de trabalhadoras e trabalhadores minorizados e silenciados. Outro campo também pouco explorado nos referidos artigos é o referente ao trabalho emocional, bem como o de outras

dimensões subjetivas indissociáveis da força de trabalho que incrementam a produção de mais-valia.

Também têm sido alvo de estudos os diversos desdobramentos do capitalismo global, cujas cadeias produtivas atravessam diferentes países e contextos econômicos em um ciclo complexo de exploração. Esse movimento orienta o deslocamento do olhar do centro para periferia do mundo capitalista, onde desembocou parte substantiva do trabalho desqualificado e alienante. Assim, ao centralizarmos o caso brasileiro em relação a esses temas, apontamos oportunidades de pesquisas que incluam, por exemplo, o crescente debate no âmbito da LPT acerca da *Gig Economy* e o avanço da *uberização* do trabalho em face ao atual contexto brasileiro de amplo desemprego estrutural e informalidade.

Observa-se, no contexto nacional, um campo rico e complexo para ampliar as discussões da dinâmica de controle-resistência no trabalho *uberizado*, bem como em diferentes setores produtivos e categorias profissionais. Como exemplo, o caso dos trabalhadores de aplicativos no Brasil que, apesar dos obstáculos à organização coletiva oriundos da forma de organização do trabalho por aplicativo, produziram movimentos de autônomos de oposição como os *"bike boys"*, *"olha o breque!"*, *"Entregadores Antifascistas"*, entre outros, que se contrapõem e resistem à lógica do capital, mesmo sob a hegemonia dos discursos neoliberais. Outro exemplo da aplicabilidade dessa lente está na análise de segmentos como o do turismo e do entretenimento, ambos significativos para a economia nacional, cujos processos de trabalho associam-se ao trabalho emocional derivado da subjetividade dos trabalhadores, o que permite problematizar a exploração destes outros aspectos que compõem a força de trabalho.

Concomitantemente, no que se refere ao debate sobre interseccionalidade e processo de trabalho, no Brasil, cujo contexto histórico é marcado pela escravidão e por práticas sociais racistas e excludentes, o uso do arcabouço teórico da LPT pode ser utilizado para a discussão do imbricamento do processo de trabalho nas estruturas históricas de exploração, perpetuadas até os dias atuais, apontando as formas de controle e resistências atravessadas pelas discussões de raça, gênero e classe.

Ressaltamos, assim, a importância da ampliação dos estudos a partir das lentes da LPT e seu desenvolvimento teórico em países periféricos e de capitalismo tardio, como o Brasil, onde vivências de exploração, intensificação e precarização do trabalho têm contornos históricos e estruturais específicos. Ao situarmos o Brasil nas transformações do capitalismo global, identificando o debate desses desdobramentos no nosso contexto produtivo e laboral, podemos ampliar os caminhos de pesquisa e de entendimento do funcionamento das relações de trabalho, as formas de controle da força de trabalho e as possibilidades de resistências que se avizinham no horizonte.

Referências

ADLER, Paul S.; FORBES, Linda C.; WILLMOTT, Hugh. Critical Management Studies. **Academy of Management Review**, v. 1, n. 1, p. 119–179, 2007.

ALVESSON, Mats; WILLMOTT, Hugh. Identity regulation as organizational control: Producing the appropriate individual. **Journal of Management Studies**, v. 39, n. 5, p. 619–644, 2002.

BAGLIONI, Elena. Labour control and the labour question in global production networks: Exploitation and disciplining in Senegalese export horticulture. **Journal of Economic Geography**, v. 18, n. 1, p. 111–137, 2018.

BAGLIONI, Elena. The Making of Cheap Labour across Production and Reproduction: Control and Resistance in the Senegalese Horticultural Value Chain. **Work, Employment and Society**, v. 36, n. 3, p. 445–464, 29. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3ª Ed. São Paulo: Edições 70, 2016.

BERTUZZI, Robert. Value Proposition: Canadian Freelance Writers at the Intersection of Exploitation and Alienation. **Journal of Marxism and Interdisciplinary Inquiry**, v. 11, n. 1, p. 18–33, 2020.

BRAVERMAN, Harry. **Trabalho e Capital Monopolista: A degradação do Trabalho no século XX**. 3a ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

BRIKEN, Kendra. Welcome in the machine: Human–machine relations and knowledge capture. **Capital and Class**, v. 44, n. 2, p. 159–171, 2020.

BURAWOY, Michael. **Manufacturing Consent**. University of Chicago Press, 1979.

CAMERON, Lindsey D.; RAHMAN, Hatim. Expanding the Locus of Resistance: Understanding the Co-constitution of Control and Resistance in the Gig Economy. **Organization Science**, v. 33, n. 1, p. 38–58. 2022.

CINI, Lorenzo; MACCARRONE, Vincenzo; TASSINARI, Arianna. With or without U(nions)? Understanding the diversity of gig workers' organizing practices in Italy and the UK. **European Journal of Industrial Relations**, v. 28, n. 3, p. 341–362, 22. 2022.

COLLINSON, David L. Identities and Insecurities: Selves at Work. **Organization**, v. 10, n. 3, p. 527–547, 17 ago. 2003.

CROWLEY, Martha. Class, Control, and Relational Indignity: Labor Process Foundations for Workplace Humiliation, Conflict, and Shame. **American Behavioral Scientist**, v. 58, n. 3, p. 416–434, 2014.

CUMMINGS, Dean. The MMJ became a McJob: The McDonaldization of Multimedia Journalism. **KOME**, v. 8, n. 2, p. 23–42, 2020.

DONNELLY, Rory; JOHNS, Jennifer. Recontextualising remote working and its HRM in the digital economy: An integrated framework for theory and practice. **The International Journal of Human Resource Management**, v. 32, n. 1, p. 84–105, 2. 2021.

EDWARDS, Paul. **Contested Terrain**. New York: Basic Books, 1979.

ELLIOTT, Christopher Shane; LONG, Gary. Manufacturing rate busters: Computer control and social relations in the labour process. **Work, Employment & Society**, v. 30, n. 1, p. 135–151, 2016.

ELLWAY, Benjamin P.W. Making it Personal in a call centre: Electronic peer surveillance. **New Technology, Work and Employment**, v. 28, n. 1, p. 37–50, 2013.

ERKÖSE, Hüseyin Yener. The battlefields of leisure: simple forms of labor control in the Turkish hospitality sector. **New Perspectives on Turkey**, v. 63, p. 4–31, 28. 2020.

EZZY, Douglas. Subjectivity and the Labour Process: Conceptualising “Good Work”. **Sociology**, v. 31, n. 3, p. 427–44, 1997.

FANA, Marta; MASSIMO, Francesco Sabato; MORO, Angelo. Autonomy and Control in Mass Remote Working during the COVID-19 Pandemic. A Cross-Occupational Comparison. **Relations industrielles**, v. 77, n. 3, 2022.

FITZGERALD, Scott; MCGRATH-CHAMP, Susan; STACEY, Meghan; WILSON, Rachel; GAVIN, Mihajla. Intensification of teachers’ work under devolution: A ‘tsunami’ of paperwork. **Journal of Industrial Relations**, v. 61, n. 5, p. 613–636, 2019.

FLEMING, Peter; STURDY, Andrew. “Just be yourself!”: Towards neo-normative control in organisations? **Employee Relations**, v. 31, n. 6, p. 569–583, 2009.

FRIEDMAN, Andrew L. **Industry and Labour**. London: Macmillan Education UK, 1977.

GANDINI, Alessandro. Labour process theory and the gig economy. **Human Relations**, v. 72, n. 6, p. 1039–1056, 2019.

HEILAND, Heiner. Controlling space, controlling labour? Contested space in food delivery gig work. **New Technology, Work and Employment**, v. 36, n. 1, p. 1–16, 4. 2021.

HOCHSCHILD, Arlie Russell. **The Managed Heart: Commercialization of Human Feeling**. University of California Press, 1983.

HUANG, Chuling; HUANG, Yan; MAI, Jingyi. China-Africa Encounter and Worker Resistance: A Case Study of Wildcat Strikes Against a Chinese-Owned Company in Ethiopia. **Journal of Contemporary China**, p. 1–17, 1. 2022.

HUANG, Hui. Algorithmic management in food-delivery platform economy in China. **New Technology, Work and Employment**, v. 38, n. 2, p. 185–205, 5. 2023.

HUI, Elaine Sio-ieng; CHAN, Chris King-chi. From production to reproduction: Pension strikes and changing characteristics of workers’ collective action in China. **Journal of Industrial Relations**, v. 64, n. 1, p. 3–25, 6. 2022.

HUISING, Ruthanne. The erosion of expert control through censure episodes. **Organization Science**, v. 25, n. 6, p. 1633–1661, 2014.

HUPPATZ, Kate; ROSS-SMITH, Anne. A discipline at the crossroads? Using a gender-inspired paradigm to reposition the sociology of work and employment. **Journal of Sociology**, v. 53, n. 4, p. 756–770, 2017.

HÜRTGEN, Stefanie. Labour-process-related Racism in Transnational European Production: Fragmenting Work meets Xenophobic Culturalisation among Workers. **Global Labour Journal**, v. 11, n. 1, p. 18–33, 2020.

IKELER, Peter. Deskillling emotional labour: evidence from department store retail. **Work, Employment and Society**, v. 30, n. 6, p. 966–983, 2016.

IKELER, Peter. Precarity's Prospect: Contingent Control and Union Renewal in the Retail Sector. **Critical Sociology**, v. 45, n. 4–5, p. 501–516, 2019.

IVANOVA, Mirela; VON SCHEVE, Christian. Power through empowerment? The managerial discourse on employee empowerment. **Organization**, v. 27, n. 6, p. 777–796, 2020.

KNIGHTS, David. Subjectivity, Power and the Labour Process. In: KNIGHTS, DAVID; WILLMOTT, HUGH (Org.). **Labour process theory**. London: THE MACMILLAN PRESS LTD. , 1990.

KNIGHTS, David; MCCABE, Darren. "What Happens when the Phone goes Wild?": Staff, Stress and Spaces for Escape in a BPR Telephone Banking Work Regime. **Journal of Management Studies**, v. 35, n. 2, p. 163–194. 1998.

KNIGHTS, David; WILLMOTT, Hugh. **Labour Process Theory**. London: Palgrave Macmillan UK, 1990.

KORCZYNSKI, Marek. The dialectical sense of humour: Routine joking in a Taylorized factory. **Organization Studies**, v. 32, n. 10, p. 1421–1439, 2011.

KUNDA, Gideon. Engineering Culture: Control and Commitment in a High-Tech Corporation. **Organization Science**, v. 6, n. 2, p. 819–821, 1995.

LAASER, Knut. 'If you are having a go at me, I am going to have a go at you': the changing nature of social relationships of bank work under performance management. **Work, Employment and Society**, v. 30, n. 6, p. 1000–1016, 2016.

LEHDONVIRTA, Vili. Flexibility in the gig economy: managing time on three online piecework platforms. **New Technology, Work and Employment**, v. 33, n. 1, p. 13–29, 2018.

LEI, Ya-Wen. Delivering Solidarity: Platform Architecture and Collective Contention in China's Platform Economy. **American Sociological Review**, v. 86, n. 2, p. 279–309, 12. 2021.

LEMOS, Ana Heloisa; CARVALHO SILVA, Marcelo Almeida; SERRA, Carlos Henrique Aguiar. Loving one's job: A matter of choice or subjection? **German Journal of Human Resource Management**, v. 35, n. 1, p. 33–52, 9. 2021.

LI, Angela Ke. Beyond algorithmic control: flexibility, intermediaries, and paradox in the on-demand economy. **Information, Communication & Society**, v. 25, n. 14, p. 2012–2027, 26. 2022.

LITTLER, Craig R; SALAMAN, Graeme. Bravermania and Beyond: Recent Theories of the Labour Process. **Sociology**, v. 16, n. 2, p. 251–269, 2. 1982.

LLOYD, Anthony. Ideology at work: reconsidering ideology, the labour process and workplace resistance. **International Journal of Sociology and Social Policy**, v. 37, n. 5–6, p. 266–279, 2017.

LÓPEZ, Tatiana; RIEDLER, Tim; KÖHNEN, Heiner; FÜTTERER, Michael. Digital value chain restructuring and labour process transformations in the fast-fashion sector: Evidence from the value chains of Zara. **Global Networks**, v. 22, n. 4, p. 684–700, 16. 2022.

LYNN, Andrew. MacIntyre, Managerialism, and Metatheory: Organizational Theory as an Ideology of Control. **Journal of Critical Realism**, v. 16, n. 2, p. 143–162, 2017.

MATHER, Kim; SEIFERT, Roger. The close supervision of further education lecturers: “You have been weighed, measured and found wanting”. **Work, Employment and Society**, v. 28, n. 1, p. 95–111, 2014.

MATHER, Kim; WORRALL, Les; MATHER, Graeme. Engineering compliance and worker resistance in UK further education: The creation of the Stepford lecturer. **Employee Relations**, v. 34, n. 5, p. 534–554, 2012.

MCCABE, Darren. Individualization at work?: Subjectivity, teamworking and anti-unionism. **Organization**, v. 14, n. 2, p. 243–266, 2007.

MCCANN, Leo; MORRIS, Jonathan; HASSARD, John. Normalized intensity: The new labour process of middle management. **Journal of Management Studies**, v. 45, n. 2, p. 343–371, 2008.

MCDONALD, Paula; WILLIAMS, Penny; MAYES, Robyn. Means of Control in the Organization of Digitally Intermediated Care Work. **Work, Employment and Society**, v. 35, n. 5, p. 872–890, 22. 2021.

MENGAY, Adrian. Digitalization of work and heteronomy. **Capital and Class**, v. 44, n. 2, p. 273–285, 2020.

MOORE, Phoebe; JOYCE, Simon. Black box or hidden abode? The expansion and exposure of platform work managerialism. **Review of International Political Economy**, v. 27, n. 4, p. 926–948, 2020.

MOORE, Phoebe; ROBINSON, Andrew. The quantified self: What counts in the neoliberal workplace. **New Media and Society**, v. 18, n. 11, p. 2774–2792, 2016.

MORALES, Karol; STECHER, Antonio. Platform capitalism and neo-normative control: “Autonomy” as a digital platform control strategy in neoliberal Chile. **New Technology, Work and Employment**, v. 38, n. 2, p. 230–251, 12. 2023.

MOTH, Rich. ‘The business end’: Neoliberal policy reforms and biomedical residualism in frontline community mental health practice in England. **Competition and Change**, v. 24, n. 2, p. 133–153, 2020.

NEWSOME, Kirsty; THOMPSON, Paul; COMMANDER, Johanna. “You monitor performance at every hour”: Labour and the management of performance in the supermarket supply chain. **New Technology, Work and Employment**, v. 28, n. 1, p. 1–15, 2013.

O'DOHERTY, Damian; WILLMOTT, Hugh. Debating Labour Process Theory. **Sociology**, n. 35, p. 1–29, 2001.

PANIMBANG, Fahmi. Solidarity across boundaries: a new practice of collectivity among workers in the app-based transport sector in Indonesia. **Globalizations**, v. 18, n. 8, p. 1377–1391, 17. 2021.

PEREZ, Domingo; LINK, Sebastián. Control territorial, del proceso de trabajo y de la propiedad privada: sindicalismo chileno en empresas de minería versus de supermercados. **Política y Sociedad**, v. 55, n. 2, p. 575–596, 2018.

PÉREZ, Pablo; CIFUENTES, Lucas. The Service Industry, Private-sector Employment and Social Class in Chile: New Developments from Labour Process Theory. **Critical Sociology**, v. 46, n. 3, p. 443–461, 2020.

PRICE, Anne; MANSFIELD, Caroline; MCCONNEY, Andrew. Considering “teacher resilience” from critical discourse and labour process theory perspectives. **British Journal of Sociology of Education**, v. 33, n. 1, p. 81–95, 2012.

QI, Hao; LI, Zhongjin. Putting Precarity Back to Production: A Case Study of Didi Kuaiche Drivers in the City of Nanjing, China. **Review of Radical Political Economics**, v. 52, n. 3, p. 506–522, 2020.

RAELIN, Joseph A. The end of managerial control? **Group and Organization Management**, v. 36, n. 2, p. 135–160, 2011.

REDDY, Raghunandan; SHARMA, Arun Kumar; JHA, Munmun. Gendered labour process: Exploration in an information technology services organization in India. **International Journal of Sociology and Social Policy**, v. 39, n. 9–10, p. 831–850, 2019.

RUSSELL, Bob. Call centres: A decade of research. **International Journal of Management Reviews**, v. 10, n. 3, p. 195–219. 2008.

SALLAZ, Jeffrey J. Permanent Pedagogy: How Post-Fordist Firms Generate Effort but Not Consent. **Work and Occupations**, 2015. v. 42.

SCHAUPP, Simon. Algorithmic Integration and Precarious (Dis)Obedience: On the Co-Constitution of Migration Regime and Workplace Regime in Digitalised Manufacturing and Logistics. **Work, Employment and Society**, v. 36, n. 2, p. 310–327, 23 abr. 2022.

SHULZHENKO, Elena; HOLMGREN, Jens. Gains from resistance: rejection of a new digital technology in a healthcare sector workplace. **New Technology, Work and Employment**, v. 35, n. 3, p. 276–296, 2020.

SMITH, Chris. Continuity and Change in Labor Process Analysis Forty Years after Labor and Monopoly Capital. **Labor Studies Journal**, v. 40, n. 3, p. 222–242, 2015.

SPIVACK, April J.; MILOSEVIC, Ivana. Perceived Location Autonomy and Work Environment Choice: The Mediating Influence of Intrinsic Motivation. **Journal of Applied Behavioral Science**, v. 54, n. 3, p. 325–348, 2018.

STEWART, Paul; LUCIO, Miguel Martínez. Collective narratives and politics in the contemporary study of work: The new management practices debate. **Work, Employment and Society**, v. 25, n. 2, p. 327–341, 2011.

TASSINARI, Arianna; MACCARRONE, Vincenzo. Riders on the Storm: Workplace Solidarity among Gig Economy Couriers in Italy and the UK. **Work, Employment and Society**, v. 34, n. 1, p. 35–54, 2020.

TERRY, Esmé *et alii* Emotional Labour and the Autonomy of Dependent Self-Employed Workers: The Limitations of Digital Managerial Control in the Home Credit Sector. **Work, Employment and Society**, v. 36, n. 4, p. 665–682, 17. 2022.

THOMPSON, Paul. Adler's theory of the capitalist labour process: A Pale(o) imitation. **Organization Studies**, v. 28, n. 9, p. 1359–1368, 2007.

THOMPSON, Paul. **The Nature of Work**. London: Palgrave Macmillan UK, 1989.

THOMPSON, Paul; BROEK, Diane von Den. Managerial control and workplace regimes: An introduction. **Work, Employment and Society**, v. 24, n. 3, p. 1–12, 2010.

THOMPSON, Paul; PARKER, Rachel; COX, Stephen. Interrogating Creative Theory and Creative Work: Inside the Games Studio. **Sociology**, p. 1–33, 2016.

THOMPSON, Paul; SMITH, Chris. Labour power and labour process: Contesting the marginality of the sociology of work. **Sociology**, v. 43, n. 5, p. 913–930, 2009.

TOWNSEND, Keith *et alii* Working time alterations within the Australian construction industry. **Personnel Review**, v. 40, n. 1, p. 70–86, 16. 2011.

TRANFIELD, David; DENYER, David; SMART, Palminder. Towards a Methodology for Developing Evidence-Informed Management Knowledge by Means of Systematic Review. **British Journal of Management**, v. 14, n. 4, p. 207–222, 2003.

VEEN, Alex; BARRATT, Tom; GOODS, Caleb. Platform-Capital's 'App-etite' for Control: A Labour Process Analysis of Food-Delivery Work in Australia. **Work, Employment and Society**, v. 34, n. 3, p. 388–406, 2020.

VINCENT, Steve. The emotional labour process: An essay on the economy of feelings. **Human Relations**, v. 64, n. 10, p. 1369–1392, 2011.

WALKER, Marquita. Parallel narratives: resistance strategies of low-wage female hospitality workers and nineteenth-century black enslaved females. **Labor History**, v. 58, n. 3, p. 372–395, 2017.

WOOD, Alex J. *et alii* Good Gig, Bad Gig: Autonomy and Algorithmic Control in the Global Gig Economy. **Work, Employment and Society**, v. 33, n. 1, p. 56–75, 2019.

WOODCOCK, Jamie. Digital labour in the university: Understanding the transformations of academic work in the UK. **TripleC**, v. 16, n. 1, p. 129–142, 2018.

WOODS, Megan *et alii* Mental Illness, Social Suffering and Structural Antagonism in the Labour Process. **Work, Employment and Society**, v. 33, n. 6, p. 948–965, 28 dez. 2019.

WRIGHT, Christopher. Historical interpretations of the labour process: Retrospect and future research directions. **Labour History**, v. 100, n. 1, p. 19–32, 2011.

WU, Qingjun *et alii* Labor control in the gig economy: Evidence from Uber in China. **Journal of Industrial Relations**, v. 61, n. 4, p. 574–596, 2019.

YANG, Da; DUMAY, John; TWEDDIE, Dale. Accounting's role in resisting wage theft: a labour process theory analysis. **Accounting, Auditing & Accountability Journal**, v. 34, n. 1, p. 85–110, 20. 2020.

Submetido em: 27/12/2023

Aprovado em: 07/03/2024

Publicado em: 27/03/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença

[Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)